

## GOSTO DE AMAZÔNIA – JAMBO ROSA

PAES, Genisson. **Jambo rosa**. Belém: Folheando, 2022. 111 p.

Kátia Barros Santos<sup>1</sup>

Logo de início, apresento Genisson Paes, escritor cametaense da obra Jambo Rosa (Editora Folheando), tem uma trajetória acadêmica robusta, passando pelas Ciências Sociais, com concentração em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Pedagogia e Especializações em Extensão Rural, Sistemas Agrários e Ações de Desenvolvimento pela UFPA; Educação Especial e Inclusiva pela UNINTER; Sociologia pela Universidade Cândido Mendes – UCAM; Mestre em Agriculturas Amazônicas pela UFPA e Embrapa Amazônia Oriental. E Doutor em Agriculturas Amazônicas da UFPA e Embrapa Amazônia Oriental. Atualmente professor da Secretaria de Educação do município de Parauapebas. Desenvolve estudos na área da Antropologia Rural, especialmente sobre Camponeses da Amazônia, focando saberes, conhecimentos tradicionais, cosmologias e relação cultura-natureza.

A obra literária tem gosto de Amazônia – Jambo Rosa, seguindo por todo o texto o gosto de saborear cada linha lida, pois a cada aventura ou mesmo devaneio das personagens, pode-se ter variadas percepções do rio, da mata, do chão, dos bichos, das paisagens, dos espaços, das gentes e dos imaginários, a capa já é um convite (figura 1).

**Figura 1:** capa da obra



**Fonte:** Imagem da Editora Folheando.

Uma leitura leve e agradável aos sentidos, com certas pitadas de introspecção “Ia seguro nas mãos da avó” (PAES, 2022, p.94) ou quando revisita as memórias da avó Ana, da saudade dos encontros, da relação maternal, dos conselhos e até na sensibilidade de ver e sentir – na descrição daquela casa, numa disposição peculiar de poucos utensílios domésticos ou com o aroma e com o gosto do café “como sinto falta disso!” (PAES, 2022, p.12).

A escrita envereda por muitos caminhos sensoriais e também pelas interfaces de uma memória individual e coletiva. A obra, a meu ver perpassa, ora por um universo imagético que se depara com a fluidez do espaço e da natureza, “senti o gosto de infância lembrar o doce-azedo do cacau e trazer um pãozinho cheio de memórias” (PAES, 2022, p.09). Ora transcorre pelo universo simbólico através do imaginário amazônico “O povo iria dizer que eu

<sup>1</sup> Doutoranda em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável (DAFDS), pelo Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares (INEAF). Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia - Universidade Federal do Pará (UFPA/Bragança). E-mail: katiabarrosatm@gmail.com

tinha virado bicho d'água ou quem sabe uma santa. Ana, a santa do rio. A protetora dos pescadores” (PAES, 2022, p.15).

O que remete para esta leitura inicial? Bem, Jambo Rosa, fruto conhecido em nossa região amazônica, de origem asiática, adaptou-se bem nas regiões norte e nordeste. Traz também, um cenário apresentado pelo escritor, de uma Amazônia repleta de singularidades, com narrativa descritiva perceptível do lugar, a ilha chamada Saracá “porções de várzea esquecida pelo tempo, morada de pescadores e extrativistas que do rio” (PAES, 2022, p.9), no rio Tocantins, uma relação entre rural e urbano com a cidade de Cametá – lugar de reciprocidade que envolve o sujeito do campo e da cidade, mas a narrativa tem outros meandros a serem percebidos.

O espaço é desenhado e narrado, de forma que redefine e delimita os ambientes: a ilha Saracá, um lugar de vivência e ambiente cercado pela natureza; tempo da memória, com rememorações da paisagem e principalmente a ligação íntima com a avó Ana; espaço dos encantados pode-se perceber a descrição de alguns episódios do imaginário amazônico, como o da pata branca, do bicho d'água; o tesouro debaixo da seringueira e de encontrar a imagem dentro do rio e o tempo psicológico são as introspecções, os sonhos e os questionamentos.

Contudo, a escolha do título Jambo Rosa, talvez inconscientemente reverbera a beleza da árvore e do fruto, e de certa forma ecoe o sentido exótico e, ao mesmo tempo no desabrochar das flores, o chão se transforma num tapete nupcial para então o nascer do fruto, a cor rosa como simbolismo pode ter o sentido de ternura, para tanto, condiciona a relação amorosa. Desencadeando assim, no movimento do texto literário, um erotismo, não supérfluo, mas com um cuidado na escrita para não deixar vulgar, entre as personagens João e Pedro.

O romance Jambo Rosa de Genisson Paes está incrementado de comparações e metáforas. A narração acontece em primeira pessoa, as ações estão remodeladas com várias histórias de uma comunidade ribeirinha, um composto de várias experiências vivenciadas, escutadas, observadas e lidas em outras esferas ou mesmo criadas pelas verossimilhanças da realidade, elas são encaixadas como em um quebra-cabeça, até se tornarem um todo, o romance.

Os lugares são delimitados para que as cenas sejam executadas de maneira linear, com a apresentação da criação literária em seus devaneios e seus cursos de realidade. Quanto ao tempo do romance, na minha percepção aparecem dois tempos, o cronológico – o tempo do rio, por exemplo, e o psicológico – nas visões e na mente da personagem principal, João.

Elementos urgentes são apresentados, mesmo que a crítica social esteja embutida nas entrelinhas, sejam somente sugestivas pelo escrito, por exemplo, ao alterar o tom do discurso sobre cotas, violência doméstica e homossexualidade, há certo desabafo da personagem quanto a esses temas caros à sociedade, a personagem João enfrenta com uma fala ativa de desabafo “Tive vontade de chorar, mas a ânsia de enfrentá-la falou mais alto. Era como se cada célula do meu corpo erguesse escudos e espadas e partisse para a guerra” (PAES, 2022, p.101). Foi uma narrativa mais conflituosa que o narrador deu à personagem para sobressaltar-se no romance. E nos diálogos com a tia (sofre a violência doméstica), sempre se apresenta em tons ásperos sobre essas temáticas, e mesmo depreciando a personagem João “Infeliz dos infernos! Tomara que tu pegues uma doença bem feia e apodreça!” (PAES, 2022, p. 102).

Outros assuntos são abordados: o preconceito de quem mora no interior e vai para a cidade “Lembro da primeira vez que fui pra cidade [...] Escutei uma mucura dizer que ia mudar de horário porque tinha muita gente do sítio e ela não queria ficar perto desse tipo de gente que nem sabe falar direito. Aquilo doeu tanto [...]” (PAES, 2022, p.82) e os impactos ambientais para os moradores e pescadores “A vovó disse que desde a construção da hidrelétrica de Tucuruí que o peixe desconfiou dessas bandas. Muitas espécies até desapareceram. Ela falou que nunca mais provou a carne do jaraqui e da pirabanha” (PAES,

2022, p.97). Temas que podem ser discutidos em outras áreas do conhecimento – educação, ambiente, sustentabilidade, entre outros.

Para outros leitores, talvez a linguagem amazônica e mítica exiba uma semântica que se diferencia de outras culturas, por isso, um glossário seria pertinente ao final da obra. Termos como “Maré morta”; “bicho d’água”, “banzeiro”, “cipó títica”, “xerimbabo”, “jotoxi”, e outros, podem não fazer parte do repertório linguístico de futuros leitores deste romance.

O romance amazônico *Jambo Rosa* não está emoldurado numa só corrente literária, ele versa por correntes como a naturalista, com certo determinismo embutido no contexto “homem não controlava nada, nem mesmo a si. A natureza é que edificava suas vontades” (Paes, 2022, p.22); e pelo surrealismo, com a mitologia cerceada pela oralidade e com a valorização do inconsciente e criação de uma realidade paralela “Começara a ficar estranho. Aquela velha horrorosa queria que eu fosse fuçar o pé das seringueiras” (PAES, 2022, p.51).

Ora, sem forçar nessas categorizações, a narrativa transcorre no tempo rio, inunda os pensamentos, mas também inunda o que tiver por perto “força enlouquecedora das águas transforma-se em um gigante animal, engolindo embarcações, armadilhas de pesca, ilhas e cidades” (PAES, 2022, p. 22). Na calma e no banzeiro da escrita, assim se estende a narrativa de Genisson Paes, descrevendo um pedacinho da Amazônia e suas interfaces, circundada pelo imaginário da (re)criação do mundo do caboclo amazônico, através de histórias contadas, “Tudo o que se pode fazer é saborear o prazer de sua contemplação. Tudo é reino de aparências, isto é, uma imagem, uma ficção, uma metáfora. É como a história real de nossos sonhos, contada por nós para nós mesmos” (LOUREIRO, 2000, p. 325), e pelas vivências das personagens, no contexto ribeirinho, com histórias e memórias transfiguradas em realidades e em teias cósmicas do rio, da mata e do lugar que enreda as narratividades da ilha de Saracá. O convite está feito! Uma obra realmente com gosto de Amazônia! Deliciem-se!

## Referência

LOUREIRO, Paes. **Obras reunidas**. São Paulo. Escrituras Editora, 2000. v.3. 267-379 p.

PAES, Genisson. **Jambo rosa**. Belém: Folheando, 2022. 111 p.